O Imigrante e a Historiadora

Ismênia de Lima Martins*

Conferência em homenagem à Professora Eulália Maria Lahmeyer Lobo[1]

O Imigrante

Antônio Dias Leite, filho, nasceu em 20 de junho de 1870, na freguesia de Lordello do Ouro, pertencente ao Conselho e Distrito da Cidade do Porto [2]

Sua mãe, Maria Gonçalves da Silva, nasceu nas vizinhanças do Porto, numa pequena aldeia de pescadores chamada Terra da Feira, próxima do atual balneário elegante do Espinho.Sem acesso à educação ou possibilidade de trabalho compensador, partiu para a grande cidade em busca de emprego.

Os esforços industrializantes do norte de Portugal, no último quartel do século XIX, baseavam-se num processo de substituição de importações, sobretudo de bens de consumo imediato. A fiação e a tecelagem caracterizaram este período inicial A matéria prima era obtida localmente, uma vez que a região possuía um rebanho considerável de gado lanígero, que supria desse insumo, a preços favoráveis, as manufaturas locais. Quanto à mão-de-obra, tendo em conta a pequena qualificação exigida, utilizava-se predominantemente mulheres e crianças, que aceitavam salários inferiores aos dos trabalhadores adultos.

Maria Gonçalves da Silva conseguiu trabalho em uma pequena fiação e tecelagem, pertencente a Antônio Dias Leite, pai, que aparece nos documentos cartoriais da época como fabricante e que, ao enviuvar, veio a casar-se com ela. Antônio Dias Leite, filho, teve a infância e o início da adolescência, marcados pela ambiência doméstica e pela vida pacata dos subúrbios do Porto.

---

[1]*Professora do Programa de Pós-Graduação em História da UFF.
Por ocasião da sessão de abertura do I Seminário Internacional sobre Imigração Portuguesa no Brasil. Arquivo Nacional, Rio de Janeiro, 07 de novembro de 2006.

[2]As informações biográficas sobre Antônio Dias Leite, que se apresentam neste texto, foram retiradas do livro Cartas de Antônio Dias Leite (1870-1952): Um olhar sobre uma época de transformações de Eulália Maria Lahmeyer Lobo e Laura Lahmeyer Leite Maia.Rio de Janeiro. Lidador Editora, 2005

Aos 13 anos, a morte do pai, transtornou-lhe a vida. A crise econômica e financeira por que passava o país ampliou as dificuldades para que a mãe, viúva, preservasse a herança do marido. Assumiu corajosamente a responsabilidade do sustento da família e lutava para prosseguir seus estudos, enquanto ganhava a vida. Seu interesse pela escrita e aptidão para línguas proveram-lhe os primeiros meios de subsistência: ajudar os vizinhos analfabetos, escrevendo cartas em nome deles para os parentes, amigos e apaixonados que tinham migrado para terras longínquas, o que sempre valia alguns trocados.

A primeira experiência de trabalho,como escrivão da alfândega, não foi bem sucedida. O não pagamento de salário após vários meses no emprego, sob a alegação de que ainda estava em estágio probatório de aprendizado, provocou sua indignação violenta, redundando na sua demissão.

Novas oportunidades de trabalho exitosas foram criando condições para o seu crescimento profissional. Foi apontador e depois tradutor na companhia Eiffel, que obedecendo ao modelo e padrões técnicos do famoso engenheiro francês, construiu a Ponte São Luiz, sobre o Douro.

Além da experiência, o trabalho proporcionou-lhe oportunidade de ampliar suas relações. Terminada a ponte, teve uma oferta de emprego como gerente, em uma quinta vinícula, próxima de Coimbra, cujo proprietário ele conhecera no serviço anterior. Seu desejo de progredir o fazia aproveitar todas as oportunidades e, nesse período, pode dedicar-se ao estudo do inglês, sob orientação de um professor com quem tinha aula em Coimbra, valendo-se da oportunidade de ir quinzenalmente ao banco na cidade, para providenciar os pagamentos da quinta.

Pela inteligência e força de vontade alcançou uma cultura acima da média e apreciável para sua idade, na época em torno dos 18 anos. Além de extraordinária facilidade para estudo das línguas, possuía grande interesse por literatura. Possuía a coleção completa de Shakespeare, do qual era grande admirador, assim como de outros clássicos portugueses: Guerra Junqueira, Eça de Queiroz, Ramalho Ortigão, Almeida Garret e Luis de Camões.

Tais qualidades granjeavam-lhe simpatias e amizades. Assim, por recomendação de um comerciante do Porto, o jovem Antônio conseguiu a oportunidade de trabalho no Banco de Londres.

Ao chegar à capital inglesa teve problemas. Primeiro, ser compreendido, pois faltava-lhe a prática da língua, uma vez que estudara o idioma sobretudo gramaticalmente. A vivência londrina permitiu-lhe superar rapidamente esse empecilho. Adaptar-se, porem, à sociedade vitoriana, pautada pelo puritanismo que regulamentava a vida social e pessoal, constituía-se numa dificuldade maior:

> "O clima frio e nevoento, o ar poluído pela indústria, a monotonia dos subúrbios londrinos com suas ruas infindáveis, ladeadas de construções uniformes, de tijolos enegrecidos pelo carvão do aquecimento, fachadas de poucos andares, sótãos e porões, não eram estimulantes para quem vinha de terra ensolarada, de uma cultura urbana rica em estilos arquitetônicos variados, alegrados pelos azulejos multicores e alicerçada em laços de parentesco e relações humanas abertas".[3]

Chamado a prestar serviço militar obrigatório, do qual foi isento posteriormente por ser sustentáculo da mãe viúva, retornou a Portugal em 1890. O retorno não pode ser considerado coercitivo, uma vez que, após dois anos em Londres, Antônio reconheceu não ter perspectivas, porque o banco reservava o monopólio de todos os cargos na hierarquia superior da administração aos ingleses, "atitude excludente, típica de país hegemônico e imperialista"[4].

Retomando contatos anteriores, Antônio conseguiu emprego na livraria Gomes, no Chiado, em Lisboa, onde conviveu com a elite intelectual portuguesa: Marcelino de Mesquita, Elvino de Brito, Fialho de Almeida, Sousa Martins e Eça de Queiroz, entre outros.

O declínio acentuado das exportações tradicionais lusas (vinho, frutas, azeite, cortiça, gado e minerais), motivado pela queda das importações da Inglaterra, fechamento do mercado francês, assim como pelo aumento da concorrência de produtos congêneres espanhóis, italiano, além da queda da produção do vinho e do trigo.

O agravamento da situação econômica de Portugal espraiou-se numa crise social caracterizada pela escassez de emprego, perdas de terras por pequenos agricultores, declínio das colheitas, conversão de campos de cultivo em pastos, envolvendo a dispensa de mão-de-obra. A crise aprofundava-se devido à incapacidade da monarquia lusa buscar soluções econômicas, negociar com os opositores do regime, ou de reconhecer os direitos civis e trabalhistas. Nesse ambiente, as tensões sociais intensificavam-se; greves, marchas de protesto, rebeliões agrárias e motins multiplicavam-se. [5]

Por ocasião do terceiro centenário da morte de Camões, elevado a símbolo da nação, ocorre a primeira grande onda de propaganda patriótica republicana.

---

[3]Lobo, Eulalia, op.cit. pág. 23.
[4] Lobo,Eulalia, op.cit. pág. 26

A monarquia lusa, acusada de ceder às pressões inglesas, desmoralizou-se definitivamente depois da comoção provocada pelo *ultimatum* da Inglaterra, em 1890, que assegurava o seu controle sobre Moçambique. Um ano depois irrompeu a revolução republicana do Porto. Apesar do amplo apoio da sociedade aos republicanos, o grupo de revoltosos, integrado por intelectuais, jornalistas, estudantes, militares de menor hierarquia, a pequena burguesia urbana emergente, o operariado ascendente, foi reprimido violentamente e dominada pela monarquia em um só dia. [6]

Para escapar da perseguição, Antônio, que participara da revolta de 1891, refugiou-se na Espanha. Passada a onda repressiva, volta a Lisboa, onde, mais uma vez, conseguiu trabalho no Banco Inglês.

Enfrentando no banco, em Lisboa, o mesmo espírito discriminatório que experimentara em Londres, e decepcionado sobre a situação que vivia seu país, Antônio sentia-se forçado a decidir sobre o seu futuro fora de Portugal.

Apesar do momento, em que os Estados Unidos começavam a atrair imigrantes portugueses, e do seu conhecimento da língua inglesa, a África e o Brasil despertavam-lhe maior interesse.

Na África, o domínio português sofrera um recuo parcial com a ocupação britânica e, no Brasil, o jacobinismo estava no auge, acarretando o rompimento das relações com Portugal, acusado de apoiar a Revolta da Armada, de tendência monarquista, contra o presidente Floriano Peixoto. [7]

O caso brasileiro revestia-se de grande complexidade. A jovem República, que para ser confiável deveria proporcionar, paz, bem estar e progresso, tarefa difícil em um período de alta inflacionário e desgoverno econômico, apresenta Portugal como país do atraso e responsável pelos males da monarquia, atribuindo aos portugueses o aumento dos preços e dos aluguéis sofridos pela população. [8]

Por outro lado, haviam as propaladas riquezas da terra, as histórias de sucesso de imigrantes tornados comendadores, a facilidade da língua, as redes de solidariedade sustentada pela parentela e vizinhos.

Finalmente optou pelo Brasil e talvez o elemento decisivo de sua resolução tenha sido o convite que recebeu de Antônio Maria da Costa para trabalhar em

[5] Lobo, Eulalia, opcit. pg27

[6] Lobo,Euláia, op.cit, pg.28

[7] Lobo, Eulália. Op.cit.pg.29

[8] Ribeiro, Gladys Sabina. A Guerra aos Portugueses no Rio de Janeiro no final do séc. XIX. In . Oceanos -Portugueses no Brasil Independente. nº44-outubro/dezembro. Lisboa 2000.pg.68 a 84; e Portugueses do Brasil e Portugueses no Brasil, aços de irmandade e conflitos identitários em dois atos:1822 e 1890. In: FELDMAN-BIANCO, Bela. (Org). Entre Brasil e Portugal: estudos de identidades e poder. Campinas, Editora da UNICAMP , no prelo.

sua firma. O proponente era sócio principal e gerente da Costa Pacheco & Cia., considerada grande firma atacadista de armarinhos, modas e anexos, estabelecida no Rio de Janeiro, tendo importação direta e de conta própria. A cidade tornava-se mais atraente, porque aí se concentravam os imigrantes portugueses, exercendo as mais variadas profissões ou destacando-se como comerciantes por atacado, exportadores, industriais, banqueiros, prestamistas e senhorios.

A colônia propiciava um clima acolhedor aos compatriotas, apoiando os recém-chegados através das casas regionais, que preservavam as tradições lusas, a solidariedade aldeã e ofereciam serviços como busca de emprego, saúde, ensino e atendimento jurídico.

Ao chegar ao Brasil em 1893, com 23 anos de idade, iniciou a vida dura de caixeiro, com longas jornadas de trabalho, submetido ao controle da casa e residindo no próprio emprego. Sofreu grande desapontamento com o salário menor do que o esperado. Apesar das más condições de trabalho, permaneceu na firma durante 25 anos, ocupando as diversas posições: calculista, viajante, chefe de escritório, comprador, gerente e sócio do empreendimento.

Quando se tornou caixeiro-viajante, Antônio teve seus horizontes ampliados. Percorreu os mercados de Minas Gerais, São Paulo e Estado do Rio de Janeiro e recebia os fregueses do norte e nordeste do país. Ocupou todos os postos da hierarquia da firma, tornando-se, em 1903, dez anos após sua chegada ao Brasil, sócio do empreendimento.

> Ainda como comprador, Antônio viajava à Europa a cada dois anos, circulando por Paris, Londres, Berlim, Praga e Viena, algumas vezes acompanhado do sócio-proprietário da firma, Antônio Maria da Costa. Ele recebia as encomendas do Brasil, escolhia os modelos de vestuário e chapéus e mandava executá-los, devido à diferença das estações em relação à Europa...Geralmente, Antônio comprava tecidos e ternos em Londres, então considerada o melhor mercado de estilo masculino, e ele observava o requinte dos modelos femininos de Paris, encomendando, a baixos custos na Alemanha, a execução do vestuário inspirado nas duas principais cidades da moda. A freqüência às corridas de cavalos de Longchamps também servia de fonte de inspiração; os sapatos mais elegantes eram da Tchecoslováquia e da Hungria, os chapéus da França e assim por diante. [9]

[9] Lobo, Eulália. op.cit.pg35

Na chegada ao Rio, conheceu Georgeta Furquim Lahmeyer, que lhe inspirara grande paixão, alimentando durante anos o sonho de desposá-la.

Após tornar-se sócio da firma, Antônio propõe-se a realizar seu desejo de longa data, casar-se. Para tanto, teve que enfrentar preconceito e dificuldades.

As casas comerciais nessa época não estimulavam o matrimônio de seus empregados, impondo, como era hábito no período, verdadeiro internato aos caixeiros. Além disso, estimulavam os casamentos entre as famílias dos sócios, a fim de concentrar e ampliar o capital das empresas. No caso de Antônio, a oposição ao seu matrimônio era ainda mais forte, por ser ele um sócio recente e minoritário da firma e a noiva pertencer a uma família empobrecida. [10]

Georgeta Furquim Lahmeyer era filha de Eulália Teixeira Leite e de Heinrich Gaspar Lahmeyer.Apesar da perda de fortuna, pertencia à melhor aristocracia do café, sendo bisneta do Barão de Vassouras e neta dos proeminentes comissários de café Furquim de Almeida e Friedrich Rudolph Lahmeyer.

O pai de Georgeta faleceu após ter sofrido um processo de falência com a crise da cafeicultura que atingiu o Vale do Paraíba.

A viúva inventariante, Eulália, vendeu em condições desfavoráveis a fazenda e mudou-se para o Rio de Janeiro. [11]

Além das manobras do Sr. Antônio Maria da Costa, sócio majoritário da firma, que tentava adiar o casamento de seu jovem colaborador, os noivos também tiveram que enfrentar a oposição do irmão mais velho de Georgeta que, se considerando o chefe da família, manifestava restrições ao casamento, por tratar-se de um imigrante português, recém-chegado e sem fortuna. Rompendo com as regras do grupo do comércio e da oligarquia do café, e vencendo os preconceitos, Antonio e Georgeta casaram-se em 29 de julho de 1905. [12]

Tiveram cinco filhos: em 1906 nasceu Valentina; em 1908, Laura; em 1910, Luiza; em 1920, Antonio Dias Leite; em 1924, Eulália.

Numa época em que se dava pouco valor ao ensino profissional para as mulheres, Antônio estimulou o aprimoramento intelectual de suas filhas, que freqüentaram o ensino superior em instituições altamente reconhecidas.

---

[10] Lobo, Eulália,op.cit.pg55

[11] Lobo, Eulália,op.cit.pg.57-62

[12] Lobo, Eulália, op.cit.p 63

A primeira estudou letras anglo-saxônicas na Inglaterra, outra estudou belas artes e filosofia na Universidade do Brasil, a terceira, estudou psicologia e, tendo domínio de vários idiomas, tornou-se uma pioneira no campo profissional da tradução no país. O filho homem estudou economia e engenharia. E a caçula, Eulália, formou-se em história na Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil. [13]

A Historiadora

Lali, como era chamada por seu pai, é hoje Professora Emérita da Universidade Federal do Rio de Janeiro e da Universidade Federal Fluminense, constituindo-se em figura emblemática para a Comunidade Brasileira de Historiadores.

Desde que escolheu o curso de História, Eulália sempre definiu a sua opção pela pesquisa. Não queria ser mais uma a compilar os autores clássicos nem ficar presa aos limites de uma discussão historiográfica, já superada. Queria ir às fontes, mas não de qualquer maneira! Havia muitas questões sobre a contemporaneidade do Brasil e da América Latina. As mudanças sociais e econômicas colocavam para a jovem historiadora problemas fundamentais sobre o presente e o futuro. O passado não era apenas um dado a mais para a erudição e o ornamento cultural. Tornava-se um instrumento ativo nas mãos de quem o questionava, a partir do seu presente. O Brasil teria que ser compreendido, tendo em conta a dinâmica interna de sua História e não apenas seguindo os quadros explicativos da Europa Ocidental.

Assim que terminou o curso, começou o doutorado e dedicou-se inteiramente à pesquisa, aprimorando seus estudos em universidades americanas.

Sua tese de doutorado tratou da Administração Colonial Luso-Espanhola na América. A escolha do tema tinha um caráter prático, porque era mais fácil ter acesso às fontes relativas a esse recorte do que sobre a Europa, mas também revelava o seu espírito crítico. A América Latina deveria ter a sua História: original, diferente e nova! O seu tempo era diferente do europeu. E o ritmo, a evolução e as alternativas eram outras. Eulália considerava que a América Latina poderia – pelas suas possibilidades – ter um papel fundamental na transformação do mundo. Infelizmente não foi assim, mas, de qualquer maneira, Eulália tornou-se a primeira pesquisadora sobre a América Latina no Brasil.

[13] Lobo, Eulália, op cit. p. 107

Foi também a primeira autora de tese de Doutorado em História defendida por uma mulher no Brasil. Tal título lhe valeu a inclusão no Dicionário *"Mulheres do Brasil"*. [14]

Em entrevista publicada por ocasião da comemoração dos 500 anos da América [15], Eulália Lobo conta como ingressou no Magistério Superior. Afirmou que não queria, mas via nele o único caminho viável para profissionalizar-se como pesquisadora. Nesse aspecto, Eulália constituiu-se também numa referência obrigatória no ensino universitário de História no Brasil. Formou várias gerações de estudantes – em nível de graduação e pós-graduação – tendo sempre como modelo a matriz indissociável do ensino e da pesquisa. O importante era dotar os alunos de condições teóricas e metodológicas para a leitura crítica da bibliografia já existente e das fontes primárias para a produção de novos conhecimentos.

Na condição de professora, Eulália destacou-se também nos embates políticos e ideológicos. Sua carreira universitária foi interrompida de forma traumática após o golpe de 1964.

A Universidade, naqueles anos de ditadura, tornara-se muito visada, particularmente, o IFCS. As denúncias apontavam uma célula de comunistas e os conspiradores seriam Manoel Maurício, José América Pessanha, Maria Yedda Linhares, Evaristo de Morais e... Eulália Lobo!

Aposentada compulsoriamente, foi presa em 1969 por ocasião da visita de Rockefeller ao Brasil, a chamada *"Operação Gaiola"*, como diz Eulália em seu depoimento: *"Eles prenderam todo mundo que não queriam que falasse com Rockefeller e contrataram pessoas para fazerem manifestação a favor mediante pagamento"*. Eulália ficou presa uma semana. Entre os que reivindicavam a sua libertação estavam os adidos cultural e militar dos EUA, pois ela já havia sido convidada para o encontro com Rockefeller.

A narrativa de Eulália sobre a prisão é deliciosa. Chegaram à sua casa, de madrugada, três pessoas armadas. Vinham prendê-la, mas não sabiam quem era ela. E ela lhes disse: *"Não digo que sou enquanto vocês não me disserem quem são! Vocês estão uniformizados mas podem ter assaltado um quartel e roubado as fardas... Quero saber quem são vocês!"* Eulália ligou para seu cunhado, que era almirante, na época cogitado para ministro, e os

---

[14] Dicionário Mulheres do Brasil. De 1500 até a atualidade. Biográfico e Ilustrado. Organizado por Schumhaer, Schuma, Vital Brasil, Erico. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editora, 2000, pp. 210-211

[15] Entrevista com Eulália Maria Lahmeyer Lobo in Estudos Históricos nº 9. Rio de Janeiro, F.G.V, 1992. pp. 84-96

homens acabaram se identificando: eram da 8ª Artilharia da Costa no Leblon. Eulália os acompanhou. Foi levada ao gabinete do comandante, que se mostrava muito constrangido. Eulália lhe disse: *"O Exército que combateu a caça aos escravos, que proclamou a República, vem agora prender os cidadãos que não estão armados... não estão alterando a ordem pública. O Exército, que tem tantas tradições gloriosas, está reduzido a isso?"* O comandante, envergonhado, dizia: *"Não somos policiais"*. E a ordem se inverteu: comandante se defendendo e Eulália atacando. Mesmo assim, ficou presa, apesar de não haver acusação formal. Diariamente ela perguntava ao comandante: *"Qual é a acusação contra mim?"* Ele não tinha o que responder e dizia: *"Você teve muita sorte porque se morasse mais perto do Humaitá teria tido um destino terrível, pois teria ido para uma unidade muito pior"*.

Sob o arbítrio, entre a jurisdição de uma unidade e outra, vencendo seus medos, Eulália começou, na prisão, a escrever sua História sobre a América Latina.

Depois de solta, permaneceu 12 anos indo aos Estados Unidos para lecionar. Ia e voltava, continuando suas pesquisas no Brasil. Mais uma vez foi pioneira! Conseguiu um auxílio da Ford Foundation, que até então só concedia verba de pesquisas com filiação institucional.

Sua trajetória de docente é acompanhada pela produção de uma obra de grande historiadora.

Ciro Flamarion Cardoso, em resenha sobre o seu livro *"Portugueses en Brasil en el siglo XX"*, destacou o pioneirismo historiográfico de Eulália Lobo em diferentes ocasiões: primeiro quando empreendeu uma comparação sistemática dos sistemas administrativos espanhol e português na América; depois, ao interessar-se pelas questões de preço, salário e níveis de vida no Rio de Janeiro do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, elaborando uma vasta síntese em dois tomos da História Econômica da Cidade do Rio de Janeiro; e, finalmente, ao produzir um primeiro estudo detalhado de todos os aspectos pertinentes à imigração portuguesa no Brasil do final do século XIX e do século XX.

Com mais de cem títulos publicados, Eulália Lobo continua em plena atividade profissional. Na edição brasileira de seu livro sobre Portugueses no Brasil, em 2001, ampliou o estudo original, incorporando novas pesquisas.

Sua experiência e maturidade intelectual permitiram-lhe, inclusive, o feliz cruzamento entre o existencial e a História.

A Obra

De 2002 a 2004 dedicou-se com afinco a pesquisar um precioso acervo documental, a correspondência de seu pai que lhe havia sido entregue por sua irmã Laura. Aproximadamente 200 textos, envolvendo diários de viagens, cartas e bilhetes escritos entre 1902 e 1950, a maioria deles para a sua mulher Georgeta.

A correspondência preservada, ainda que fazendo menção aos filhos, empregados ou a situações do cotidiano familiar, não trata de assuntos íntimos. Contempla a descrição do dia a dia das viagens de compras para abastecimentos das casas de comércio no Rio de Janeiro, onde atuou como trabalhador e como sócio.

Apesar de possuir o perfil típico do imigrante português - jovem, solteiro, do sexo masculino - Antônio Dias Leite destacava-se por sua cultura, inteligência e sobretudo pelas qualidades literárias de seu texto.

Tais características permitiram-lhe registrar com perspicácia, espírito crítico e fino humor as impressões sobre a cultura e a vida nos países visitados, do fim do século XIX à década de cinqüenta do século seguinte, período que se reveste de particular interesse histórico pelas profundas mudanças ocorridas em escala mundial.

A condição de imigrante que instigava a análise crítica do mundo, as comparações entre a terra de origem e a de destino, os contatos entre várias culturas, além de seus dotes intelectuais, fizeram de Antônio Dias Leite um observador especial desse vasto processo de transformação:

> ...radical transformação de agrário a urbano, de artesanal a industrial, de trabalho manual a tecnicamente avançado,...Ocorreram duas guerras mundiais, a grande depressão e a desilusão com as promessas da belle époque. Aboliu-se a escravidão, houve uma redistribuição maciça da população em decorrência dos movimentos migratórios da Europa para o Novo Mundo e de torna-viagem, expandiu-se a exploração da Ásia e da África, a Inglaterra constituiu um império hegemônico, superando Portugal e Holanda. Consolidaram-se novas nações, como a Alemanha e a Itália. O império português é disputado pela Inglaterra no Oriente e na África, onde a expansão lusa é limitada pelo ultimatum britânico que acarreta a crise da monarquia e a proclamação da república em Portugal. [15]

[15] Lobo, Eulália Lahmeyer. Op. Cit. p. 11

Eulália não teve como objetivo principal analisar a personalidade do protagonista, mas deixou que ela surgisse dos próprios textos. Desejou preservar o olhar de Antônio sobre o seu mundo.

Contextualizou as cartas trabalhadas sem incorrer nos problemas da biografia heroicizante. Preservou sua memória, limitando a interpretação pessoal ao mínimo, mas não abriu mão de colocá-la numa perspectiva histórica:

> "Ele presenciou e, em algumas instâncias, participou dos principais movimentos sociais que caracterizaram o período de transição da economia agrícola para a fabril e industrial, soube captar a secularização da sociedade, a gradual dissolução das comunidades, a implantação do capitalismo na Europa Ocidental e do capitalismo no Brasil". [16]

A Prof Dra. Suely Gomes Costa, que redigiu a apresentação do livro de Eulália Lobo, destaca como a autora mapeia com delicadeza a ultima quadra da vida de seu pai, quando este, bafejado pela fortuna, após a liquidação da firma Sequeira Leite que fundara, dedica-se a novas atividades como rentista, além de uma intensa participação comunitária e política.

Mostra sua integração à colônia portuguesa no Rio de Janeiro, a atuação em várias entidades como as Casas Regionais Lusas do Brasil e o papel destacado na defesa da criação de uma Federação das Associações Portuguesas no Brasil, da qual foi sócio fundador em 1931. Membro da Associação dos Comerciantes Portugueses no Brasil e pioneiro junto ao governo português na defesa da abertura de uma linha de navegação de Portugal para o Brasil, que promoveria a redução dos custos de transporte, tendo sido um dos primeiros presidente da carreira, assim que ela foi instalada.

Suely Gomes Costa ressalta também o tratamento dado pela autora à aproximação de Antônio com o republicanismo salazarista, mas também seu afastamento, logo que a vocação ditatorial do governo português se define.

Aponta ainda como Eulália esmiuça as referências intelectuais do pai, nas leituras e na composição da biblioteca, como que a precisar suas

---

[16] Lobo, Eulália Maria Lahmeyer, op. cit. p. 12-13

convicções políticas, registrando sua repulsa pelo movimento integralista e sofrimentos familiares advindos das ações da policia política de Vargas contra sua filha e seu genro , membros do Partido Comunista, em 1937.

Mostra Antônio e Georgeta, juntos e solidários, em toda a assistência prestada ao casal, sinalizando o respeito de Antônio às diferenças políticas de sua família.

A apresentadora conclui que o livro é uma homenagem à vida de Antônio, e certamente extensiva aos imigrantes portugueses chegados ao Brasil e a tantos outros lugares do mundo.

Citando uma referência que lhe faz a mãe, em carta para Antônio, Eulália termina o livro com a frase: "Ela esta cada vez mais satisfeita com o pai que tem".

Ao encerrar, nada posso fazer melhor que plagiá-la:

"Nós estamos cada vez mais satisfeitos com você".

Obrigada, Eulália.